

O GEÓGRAFO FENOMENÓLOGO: SUA ORALIDADE E ESCRITA NO/DO MUNDO *The phenomenological geographer: his speech and writing of/in the world*

Maria Geralda de Almeida¹

RESUMO

Neste artigo a autora propõe-se, no bojo da Fenomenologia, a desvelar os percalços para a pesquisa geográfica fenomenológica, sublinhando o perfil, o retrato do pesquisador preocupado em entender e conhecer o Ser humano e o mundo. A pesquisa qualitativa é bastante discutida como o procedimento mais apropriado para apresentar as experiências e a apreensão da realidade. Assim, o texto foi construído com base em leituras de autores cujas reflexões abordam Fenomenologia e representações. A autora alerta acerca dos cuidados na forma de comunicar-se com o mundo – a linguagem, a escritura e a escrita – e do dilema enfrentado pelo pesquisador geógrafo fenomenólogo em empregar o eu ou a terceira pessoa do plural em sua escrita. Finaliza afirmando que as reflexões são preliminares e constituem-se em pistas para aprofundar no amadurecimento de nosso conhecimento e comunicação envolvendo a Geografia e a Fenomenologia.

Palavras-chave: Representações. Pesquisa. Qualitativa. Geografia cultural. Geografia humanista.

ABSTRACT

In this essay the author proposes, in the phenomenological field, to unravel the issues for phenomenological geographical research, highlighting the profile and picture of the researcher preoccupied with comprehending and knowing the human Being and its world. The qualitative research is discussed specially in what concerns the most appropriate proceeding to present experiences and reality apprehension. This essay was construct based on the reading of authors with reflections on Phenomenology and representations. The author concludes by alerting of the missteps in forms of worldly communication: the written language and the written word; at which the phenomenological research has a dilemma of utilizing the I or the third person of the plural. It finalizes by affirming that those are preliminary clues and reflections to deepen and mature our knowledge and communication concerning Geography and Phenomenology.

Keywords: Representations. Qualitative research. Cultural geography. Humanist geography.

¹ Professora titular da Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA. mgdealmeida@gmail.com.
✉ Av. Esperança, s/n, Samambaia, Goiania, GO. 74690-900.

O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo

Maria Geralda de Almeida

A operação da expressão, quando é bem-sucedida, não deixa apenas um sumário para o leitor ou para o próprio escritor, ela faz a significação existir como uma coisa no próprio coração do texto, ela a faz viver em um organismo de palavras, ela a instala no escritor ou no leitor como um novo órgão dos sentidos, abre para nossa experiência um novo campo ou uma nova dimensão. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 248).

Há uma preocupação nas vertentes da Geografia Cultural e da Humanista de colocar o sujeito, seus anseios, percepções, sentimentos e experiência vivida em destaque. Assim, a aproximação da Geografia com a Fenomenologia busca a valorização do ser humano e sua experiência espacial. Com a Fenomenologia, *leitmotiv* do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural, nos últimos anos, pode-se dizer que acontece um renascimento, dando surgimento a uma tentativa de revisão fundamental e radical do conceito de ciência e de racionalidade e também da exposição existente na ciência convencional entre técnica e humanidade contemporânea. É possível hipotetizar-se que se trata de uma reação à crítica de Husserl (1989), no início do século XX, que já denunciava a crise de sentido e da razão da filosofia e ciência positivista causada pelo distanciamento entre o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e a ciência.

Porém, como salientam alguns estudiosos, o entendimento de Fenomenologia não é uno. Buttimer (1982) identifica três vertentes que são evidentes para esses estudiosos: a “fenomenologia pura” ou “transcendental” de Husserl (1986), a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, Marcel e Schutz, e a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur. De acordo com Seamon (2000), além da abordagem existencial e hermenêutica, existiria aquela por ele denominada *first-person*, primeira pessoa, em livre tradução.

A Fenomenologia que se encontra relacionada com a Geografia é um tanto complexa e confusa. No entanto, oferece os instrumentos

necessários para que a Geografia possa explorar algumas condições e forças unificadoras da experiência humana no mundo. Condições e forças que são facilmente percebidas e encontradas no mundo vivido das pessoas, em face de ser um método que se empenha em desvelar os meandros dos significados e modos de vida dos homens no “meio”, conforme afirma Buttimer (1982).

Convém recordar que a perspectiva humanista e/ou cultural se destaca na Geografia por ser uma abordagem mais transparente e sistemática desse arcabouço filosófico, tal como é discutida na atualidade no Brasil. Para Marandola Jr. (2013, p. 49), “a abordagem fenomenológica em geografia consolidou-se nos últimos anos na geografia brasileira, em especial a partir dos anos 2000, como uma das vertentes do horizonte humanista ou cultural”.

Seamon (2000) destaca a fenomenologia como um estilo de investigação qualitativa que envolve fundação conceitual e metodológica particular. Ao mesmo tempo identifica dois pressupostos que marcam essa abordagem: pessoa e mundo como intimamente ligados e um empirismo radical. O sufixo radical é empregado para enfatizar que o conhecimento surge diretamente da sensibilidade e consciência pessoal do pesquisador. Esse conhecimento elimina construções intelectuais de segunda mão como utilizado na ciência convencional, na concepção de Suess e Leite (2017).

Isso posto, tratarei de apresentar o que considero características do geógrafo pesquisador, ou melhor, o perfil, o retrato daquele que se empenha em entender e conhecer o ser humano e o mundo. Posteriormente, abordarei como o geógrafo fenomenólogo deve cuidar da forma de comunicar-se com o mundo, quanto à linguagem, à escritura e à escrita. Com tais reflexões, propõe-se abrir caminhos para novas discussões e aprofundar no amadurecimento de nosso conhecimento e comunicação nesse campo específico da Geografia.

EU, GEÓGRAFA PESQUISADORA, E A FENOMENOLOGIA

Tendo em vista um empirismo radical, o estudo deve, primeiramente, envolver o contato direto da geógrafa com o fenômeno. Cabe a ele, conhecendo a experiência relatada pela pessoa ou grupos envolvidos, desvelar possibilidades metodológicas que lhe permitam “participar” da experiência. Além da relação direta com a experiência, a realização de entrevistas em profundidade e uma cuidadosa descrição e observação que envolva a experiência e o fenômeno constituem algumas dessas possibilidades. Já sendo o fenômeno um “texto artefactual”, como é o caso da literatura, fotografia, poesia, música e fotografias, o pesquisador deve buscar a compreensão do “texto” artístico como um campo infinito de significados, um universo no qual ele imerge e surge com um novo sentido. Para um fenomenólogo, o objetivo da pesquisa em um “texto artefactual” não é decifrar a mensagem ou ideia do autor, mas sim gerar uma nova obra por meio dela. Trata-se de uma reflexão sobre a arte que se coaduna com a leitura de Merleau-Ponty (2012, p. 157), que assim diz:

O que é insubstituível na obra de arte – o que faz dela não apenas uma ocasião de prazer, mas um órgão do espírito que encontra sua analogia em todo pensamento filosófico ou político se for produtivo – é que ela contém, melhor do que ideias, *matrizes de ideias*; ela nos fornece emblemas cujo sentido jamais acabaremos de desenvolver, e, justamente porque se instala e nos instala num mundo do qual não temos a chave, ela nos ensina a ver e nos faz pensar como nenhuma obra analítica pode fazê-lo, porque nenhuma análise pode descobrir num objeto outra coisa senão o que nele pusemos.

Contudo, para alcançar a arte e acessar o que ela nos fornece e nos ensina, conforme alerta Seamon (2000), é preciso saber escolher os

procedimentos e as ferramentas específicas de inquérito. E isso vai definir o estilo do pesquisador e a natureza específica do fenômeno.

Outro passo é o fenomenólogo ter ciência de que não conhece o fenômeno, mas assim enseja. O fenômeno é visto como um campo que o pesquisador tenta desvendar e explorar. Na pesquisa fenomenológica, diferente da pesquisa positivista, não há uma noção clara do que se vai encontrar e como as revelações irão acontecer. A flexibilidade, uma característica desse tipo de pesquisa, sinaliza que se deve sempre adaptar seus métodos para a natureza e as circunstâncias do fenômeno, visto que a habilidade, percepção e dedicação do pesquisador podem pressupor quaisquer procedimentos metodológicos específicos (SEAMON, 2000). Assim sendo, o pesquisador como instrumento humano torna-se o *core* do método fenomenológico, e todos os métodos de investigação específicos, sobretudo qualitativos, devem ir ao encontro de retratar a experiência humana em termos experienciais.

A orientação qualitativa fundamenta-se sobre o que pode ser dito/construído juntos/interpretado das relações humanas e não se baseia somente no método. Também poderia ser qualificada de humanista ou de interpretativa, pelas suas características atribuídas à complexidade da problemática humana. Em meu entendimento, a pesquisa qualitativa constitui, essencialmente, uma concepção alternativa de investigação da realidade na qual o pesquisador, que é também observador, torna-se interpretador e dá qualidade à interpretação.

Por conseguinte, convém lembrar que todo trabalho científico é baseado em uma concepção, em atitudes e postura do pesquisador. Como esclarecem Thiétart et al. (2003, p. 15), “todo trabalho de pesquisa repousa, com efeito, sobre uma certa visão de mundo do pesquisador que utiliza métodos, procedimentos, propõe resultados visando a prognósticos, compreender, explicar ou construir”.²

² Tradução livre de: “*Tout travail de recherche repose sur une certaine vision du monde, utilise une méthodologie, propose des résultats visant à comprendre, expliquer, prédire ou transformer*”.

Essa questão evidencia o que Mechanic (1989) procura alertar sobre a pesquisa qualitativa, alegando que o modo como se efetuam conceituações e a organização das observações se espelha na “biografia social do observador”, fragilizando a coleta de dados e o conjunto da análise. Alegação que, no entanto, é refutada por outros pesquisadores, que argumentam que o observador é participante e possui uma experiência vivida (RICOEUR, 2004), culminando com um conhecimento rico da realidade.

Também, a favor desses pesquisadores, convém refletir sobre o que Bourdieu (2008, p. 30) aponta: “[...] uma boa parte do que o sociólogo trabalha para descobrir não está oculta, no mesmo sentido que aquele que as ciências da natureza visam revelar”. Nas ciências sociais e/ou humanas descobre-se, frequentemente, o que se tornou invisível em virtude do excesso de visibilidade. De fato, muitas das relações que o pesquisador desvenda não são invisíveis, pelo contrário, “elas estão bem à vista”, afirma ainda o mesmo autor.

Ademais, há de se considerar que a “descoberta” raramente é fruto exclusivamente do trabalho de um pesquisador. A “descoberta” e o seu reconhecimento constituem uma tarefa cujo êxito depende das relações sociais e da ação de uma coletividade mais ampla (PIRES, 2008). No caso da Geografia o pesquisador tem um duplo papel no procedimento investigativo, quando é, também, observador. Os sujeitos, atores, instituições são protagonistas importantes e é das relações destes com o geógrafo pesquisador e vice-versa que se promoverão o sucesso e o reconhecimento da “descoberta”. Estão no mesmo cenário proximidade e alteridades a serem desveladas, ocultas e negociadas.

Algumas descobertas significativas, embora não tenham cunho científico, resultaram de ações de movimentos sociais e ampliam o conhecimento da realidade.

As características básicas da pesquisa qualitativa, para Pires (2008), Cassel, Symon e Johnson (2018), consistem: a) no foco na interpretação – geralmente, o pesquisador qualitativo busca ainda a interpretação dos próprios sujeitos-participantes da situação sob estudo; a orientação é para o processo e não para o resultado, visto que sua ênfase está no entendimento e interpretação – convém repetir que o fenomenólogo se empenha nas matrizes de ideias reveladoras da existência do Ser ; b) no destaque à subjetividade, pelo fato de o foco de interesse ser justamente a perspectiva dos sujeitos-participantes envolvidos com o contexto interpretado; c) na flexibilidade de adaptação no processo de conduzir a pesquisa – o pesquisador deve se atentar para as diversas situações existentes e as imprevistas; a flexibilidade permite a definição progressiva do próprio objeto estudado, evitando a sedimentação, *a priori*, dos caminhos que o pesquisador irá seguir; d) na sua capacidade de se ocupar de objetos complexos como as instituições sociais, os grupos estáveis ou ainda os objetos invisíveis, furtivos, difíceis de apreender, ou fatos e objetos perdidos no passado; e) na preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência; f) na capacidade de englobar dados heterogêneos, de combinar diferentes técnicas na coleta de dados – a pluralidade metodológica, ao permitir ter uma visão mais global e holística do objeto de estudo, oferecerá uma perspectiva diferente. Também a considerar que em um estudo qualitativo são os dados quantitativos que se incorporam à análise e interpretação da realidade.

Duas outras características relevantes do investigador trilhando na pesquisa qualitativa são destacadas por Pires (2008): a) a capacidade de descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social relativos à cultura e à experiência vivida (a pesquisa qualitativa, como já mencionado, permite ao pesquisador usar procedimentos que

ressaltam a observação e a experiência vivida); b) a abertura para o mundo empírico, geralmente pela valorização da exploração indutiva do campo de observação, assim como o interesse para a descoberta de “fatos inconvenientes”, na expressão de Weber, ou de “casos negativos” dos espaços vividos.

Além dessas características, a pesquisa qualitativa distingue-se de outras abordagens dada a sua exigência de ruptura epistemológica entre investigadores e sujeitos-participantes investigados. É o que propicia que uns e outros “suspendam” sua visão de mundo e possam, esvaziados de seus preconceitos, compreender a visão de mundo dos demais, os outros. Esse acercamento à posição do outro deve existir desde a fase inicial de visita exploratória ao espaço e à sociedade, objetos do interesse para aprofundar o conhecimento. A pesquisa qualitativa é essencial para definir os papéis que pesquisadores e sujeitos-participantes investigados desempenham no desenvolver da pesquisa.

Para alguns críticos, o que dificulta a análise na pesquisa qualitativa é a possibilidade de vários métodos serem usados, ou mesmo de não se definir o método. Dessa maneira, ela leva o pesquisador a lidar com uma variedade de informações, tendo em vista que a adoção na pesquisa de diferentes dados e sua singularidade refletem o estilo e a experiência de cada pesquisador. Nessa, em particular, diversifica-se a forma de realizar a análise, razão pela qual, geralmente, a pesquisa qualitativa é considerada interdisciplinar e/ou multidisciplinar. É consenso entre os pesquisadores da pesquisa qualitativa, conforme pondera Tesch (1990), que a análise é, sobretudo, um processo de extrair sentido das informações.

A preocupação do pesquisador que emprega essa forma de investigação é buscar interpretar os fenômenos de acordo com os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Para tanto, utiliza-

se, como método, da fenomenologia, alinhando-a com os temas e linhas de pesquisa. Ressalta-se a preferência pela etnografia na Antropologia, e, na Geografia, pela etnogeografia. Para Claval (2003, p. 21), esta significa “compreender os conhecimentos geográficos e as interpretações do ambiente que as sociedades que ocupam tal ou qual lugar desenvolveram”.

Conforme já pontuado, a pesquisa fenomenológica, qualitativa, implica a utilização e coleta de uma grande variedade de materiais e dados – entrevistas, relatos de experiência pessoal, mapas sociais, histórias de vida, textos históricos, imagens, romances, biografias, filmes, sons, sabores, para citar alguns – que desvelam o cotidiano, situações com os significados e os simbólicos na vida das pessoas. Em suma, a pesquisa que costumamos nomear como qualitativa está regida por uma ordem da diversidade: de métodos, de enfoques, de posições epistemológicas, de construções metodológicas.

Giorgi (2008), com base em Husserl, ressalta que nas pesquisas fenomenológicas é imprescindível a produção de uma descrição concreta e detalhada de experiências específicas conforme a atitude cotidiana de outras pessoas, além da adoção da redução pelo pesquisador e da busca das essências “científicas”. A descrição é a ferramenta por excelência da comunicação.

O MUNDO DO FENOMENÓLOGO PELA ORALIDADE E PELA ESCRITA

A ocasião é propícia para eu comentar sobre um componente raramente abordado no que tange à pesquisa e, em particular, à pesquisa qualitativa. Refiro-me à escrita, considerada como uma dimensão importante na pesquisa, desde o processo de sua construção, e não somente na sua difusão. Como salienta Goody (2007, p. 213), a escrita “pressupõe um processo de reflexão profunda, consiste em transpor

o pensado para um papel, para transmitir a criação do pesquisador, e facilita a distinção e o enunciado de questões”.

Castellotti (2012) pondera que para o pesquisador, ao usar uma abordagem qualitativa/interpretativa, torna-se fundamental a escrita, posto que ela se constitui em e, simultaneamente, espelha a pesquisa de vários aspectos. Ou seja, é pela escrita que o pesquisador constrói o sentido que ele atribui ao observado e experienciado. É também a escrita que revela o significado produzido, difundido, público e conhecido.

Sendo assim, a escrita permite a confrontação, alimenta a continuidade e a transformação da pesquisa pelo debate. Pode-se mesmo afirmar que a escrita forja seu poder de intervenção. A esse respeito cabem as palavras de Charmillot (2010, não paginado):

Buscar caracterizar a escrita de uma pesquisa é, de uma parte, tomar posição na maneira de pensar a ciência, mais precisamente, pensá-la como portadora e produtora de valores e, então, reconhecer sua dimensão política. Pensar a escrita da e na ciência é assumir a responsabilidade de pesquisador.³

Quem pesquisa e precisa escrever tem a clareza de que a escritura é árdua, é batalha, é luta com os significantes, como salienta Zuleta (1994), pois a escrita é uma arena de forças: no texto falamos múltiplas vozes que nem sempre identificamos, que nem sempre controlamos, e essas vozes falamos de modos particulares. Em nossos textos, pensamos ter a fala. No entanto, eles também são espaços nos quais emergem as vozes que concedemos à palavra e vozes que sussurram – também

³ Tradução livre de: “*Chercher à caractériser l’écriture de la recherche, c’est donc, d’une part, prendre position dans la manière de penser la science, plus précisément : la penser comme porteuse et productrice de valeurs, et donc reconnaître sa dimension politique. Penser l’écriture de la science, c’est prendre au sérieux la responsabilité du chercheur*”.

quem o escreve sabe –, vozes que foram silenciadas diante da opção do que relevar ao produzir nosso texto (PÉREZ-ABRIL, 2009).

Desse ângulo, o texto, o artigo de pesquisa, o relatório, eu diria, poderiam ser vistos como esse campo de forças, como as marcas que dão conta dessa luta com as palavras, com os dados, uma vez que nesse processo a escrita contém as pegadas de uma prática. Barthes (1987) alerta que o texto é a grafia de uma prática. Em nosso caso, a prática qualitativa investigativa.

Contudo, a discussão sobre a escrita deve ter em conta sua associação intrínseca com a linguagem essa vindo primeiro. Ou seja, a escrita é uma manifestação material da linguagem. Para Wittgenstein (apud OLIVEIRA, 2006, p. 127), “não existe um mundo em si independente da linguagem, que deveria ser copiado por ela. Só temos o mundo na linguagem; nunca temos o mundo em si, independente, sempre por meio da linguagem”.

Com esse entendimento, a linguagem deixa de ser um simples instrumento de comunicação do conhecimento e passa a ser condição de possibilidade para a constituição do conhecimento. Também, com leitura similar, Ricoeur (2000) afirma que a linguagem é a base da legitimação de todo pensamento e conhecimento.

Esse mesmo autor argumenta a favor dessa postura crítica diante das filosofias reflexivas, afirmando que o sujeito apenas se constitui e se manifesta na objetivação da linguagem. A linguagem é o ponto de partida, e o sujeito, livre e consciente, pode, no máximo, ser apenas a meta, somente atingível ao final do percurso pela linguagem, afirma Tolfo (2009).

A oralidade é uma forma de comunicação que se constitui de uma dupla dimensão: externa e interna; vem de dentro para fora. Assim se supõe a comunicação humana. Porém, há a possibilidade de se contar fatos vividos, pelo diálogo, com a finalidade de transmitir significado. Ricoeur (2000, p. 27) assim salienta:

Um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se como tal para outra corrente de consciência. E, no entanto, algo se passa de mim para vocês, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação. Eis o milagre. A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública. A comunicação é, deste modo, a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida.

Esse autor enfatiza que o diálogo se destaca pela significação. O significado é o que a escrita quer transmitir para o leitor. A pretensão de passar um significado é a razão de ser das duas formas da linguagem, do discurso oral e do texto escrito.

No diálogo, ao falarmos e nos referirmos a alguma coisa, mostramos o outro ser; e isso ocorre por meio da linguagem, que é possível em virtude da distância entre o falante e aquilo que queremos mostrar. Essa distância é originária do discurso oral.

Na fala e ou oralidade também entendemos o significado externo à frase, isto é, o que entendemos não é a frase em si, as palavras da frase, mas sim o que ela quer dizer, o seu significado. É dessa maneira que podemos salvar um discurso por intermédio da escrita. A presença do outro é aquilo que se ganha no discurso oral. A não presença do outro é a falta, que se procura compensar recorrendo às formas exteriores, como a escrita. Dessa maneira, o discurso manifesta-se a um público mais amplo.

A escrita é a essência por tornar o texto autônomo, entretanto, ela não é tudo. Depende também da interpretação do indivíduo, e isso demanda que ele saiba ler. A escrita apenas abre caminhos para esse início de discussão que é o mundo dominado por aqueles que têm a competência de fazer a leitura, ou o caminho que esta irá percorrer. Conforme Tolfo (2009), a intenção é mostrar que a forma objetivada, a

escrita, também tem sua condição de possibilidade, que é reconhecida na linguagem como discurso.

Essa passagem da oralidade para a escrita leva à ação, quando o discurso passa a ser escrito. Isso, no entanto, não quer dizer que venha a cancelar toda a estrutura que aparece no discurso e sim que a escrita é a sua plena manifestação. Para Ricoeur (2000, p. 37), “o que acontece na escrita é a plena manifestação de algo que está num estado virtual, algo de nascente e incoativo, na fala viva, a saber, a separação da significação relativamente ao evento”.

Ora, o evento em si se apaga, dilui com o tempo; porém, pode-se fixar o discurso mediante a linguagem escrita. Ricoeur (2000, p. 39) assinala:

A escrita pode salvar a instância do discurso porque o que ela efetivamente fixa não é o evento da fala, mas do “dito” da fala, isto é, a exteriorização intencional constitutiva do par “evento-significação”. O que escrevemos, é o noema do acto de falar, a significação do evento lingüístico, e não o evento enquanto evento.

Em síntese, o que a escrita visa realmente salvar é a intenção presente em um evento, o seu significado. A escrita toma o lugar da fala no intuito de conservar memórias vivas ao longo do tempo.

Cabe, ainda que brevemente, um comentário sobre um dilema presente ao se fazer a escrita científica: a escolha e o emprego do “eu” ou do “nós”. Um texto acadêmico é diferente de um texto jornalístico ou mesmo de um texto literário. Os textos acadêmicos seguem normas, a ABNT, códigos de expressões já assimilados e incorporados, entre os quais o emprego da terceira pessoa no plural.

Costuma-se dizer no meio universitário que o emprego do nós é de modéstia. Seria uma maneira de dissimular nosso ego usando uma

identidade coletiva. Seria a vontade de atenuar a presença pessoal do pesquisador em seus escritos pessoais. Contudo, há, ainda, a justificativa pela busca da neutralidade axiológica adotada pelo pesquisador, na qual prevalece uma suposta neutralidade, objetividade.

Para Popper (1972), a objetividade repousa sobre o caráter antagônico e público da ciência. Segundo ele, os sábios não podem ser imparciais, pois são seres humanos sujeitos a erros, a falhas e intuitivos; e inútil eles quererem fazer crer que são outra coisa. É a confrontação de vários pontos de vista que permite avançar no caminho da ciência por um processo de verificação.

Bourdieu (2008) falava de ter “um ponto de vista sobre seu próprio ponto de vista”; e não é por acaso que Lévi-Strauss emprega fartamente o eu, em “Tristes tropiques”. De fato, o emprego do eu permite-nos reforçar a lembrança de que nós escrevemos com base em nossa percepção, em nosso contexto. Ao empregá-lo indicamos nossa posição e, além do mais, reconhecemo-nos como produto de uma história.

Sem dúvida, o pesquisador que emprega o eu fala de uma experiência pessoal, de suas percepções, de um ponto de vista seu, refletindo sua própria subjetividade, em vez de escondê-la. Concluo que não é uma arrogância acadêmica e sim uma atitude de honestidade intelectual usar o eu.

ABRINDO CAMINHO

Transmitir a mensagem na forma escrita possibilita mais interpretações, mais caminhos abertos, alarga o círculo de abrangência e inicia novos modos de comunicação. Essa forma de transmissão se diferencia daquela que se dá somente entre duas pessoas, no momento da troca de informações. É nesse aspecto que o texto significa e é muito

mais que isso. O ato de escrever é poder trazer e gravar diretamente da mente para o papel ou algo parecido. E, uma vez escrito, dividir com um público bem mais numeroso do que o apenas aqui e agora, como ocorre na fala viva.

Enfatizo que o que escrevo aqui não descreve nem reapresenta a realidade. Meu texto está produzindo uma realidade. Uma realidade geográfica. Trata-se de produção que se gera na linguagem, transmutada em escrita, pois a forma da realidade produzida depende do sistema de palavras que são escolhidas para esse falar. Assim como diz Pérez-Abril (2009), sob essa perspectiva, na prática investigativa criam-se mundos, objetos simbólicos. Isso porque, ao decidirmos realizar a pesquisa, quando formulamos de maneira clara uma pergunta investigativa, abrimos um caminho para a realidade a ser conhecida por meio da escrita.

Contudo, estou ciente de que, tendo em vista minha proposta inicial, não trago em tal reflexão as respostas desejadas para minhas próprias indagações surgidas no decorrer de minha imersão nela e repasso aos leitores questões como: a escrita deve e pode alargar para um horizonte de mundo imersivo? É possível escrever com a intenção de transcender um entendimento pragmático de ciência e do próprio ato de escrever? Com essas inquietudes fica o convite para, no mergulho às experiências e aos nossos espaços vividos, termos um novo campo ou nova dimensão para aflorar essas realidades geográficas. ☺

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **El susurro del lenguaje**. Barcelona: Paidós, 1987.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EdUSP, 2008.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CASSELL, C.; SYMON, G.; JOHNSON, P. Evaluative practices in qualitative management research: a critical review. **International Journal of Management Reviews**, v. 20, n. 1, p. 134-154, 2018.

CASTELLOTTI, V. Recherches qualitatives: épistémologie, écriture, interprétations en didactique des langues. In: GOÏ, C. (Dir.). **Quelles recherches qualitatives en sciences humaines?** Approches interdisciplinaires de la diversité. Paris: L'harmattan, 2012. p. 29-44.

CHARMILLOT, M. **L'écriture scientifique existe-t-elle?** Les aspects concrets de la thèse, 2010. Disponível em: <http://act.hypotheses.org>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CLAVAL, P. A evolução recente da geografia cultural na língua francesa. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 35, p. 7-25, jan./jun. 2003.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 386-409.

GOODY, J. **Pouvoirs et savoirs de l'écrit**. Paris: La Dispute, 2007.

HUSSERL, E. **A ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

HUSSERL, E. **La terre ne se meut pas**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

MARANDOLA JR., E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 49-69, 2013.

MECHANIC, D. Medical sociology: some tensions among theory, method and substance. **Journal of Health and Social Behavior**, v. 30, p. 147-160, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

OLIVEIRA, M. A. de. **Reviravolta linguístico-programática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2006.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PÉREZ-ABRIL, M. A propósito de la legitimidad en la investigación cualitativa. **Revista Internacional de Investigación en Educación**, Pontificia Universidad Javeriana, v. 2, p. 235-240, 2009.

PIRES, A. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 43-93.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

RICOEUR, P. Discours et communication. In: D'ALLONNES, M. R.; AZOUVI, F. **Paul Ricoeur I**. Paris: Cahiers de l'Herne, 2004. p. 91-128.

SEAMON, D. A Way of Seeing People and Place: Phenomenology in Environment-Behavior Research. In: WAPNER, S., DEMICK, J., YAMAMOTO, C., MINAMI, H. (Orgs.). **Theoretical Perspectives in Environment-Behavior Research**. New York: Plenum, 2000. p. 157-178.

O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo
Maria Geralda de Almeida

SUESS, R. C.; LEITE, C. M. C. Geografia e Fenomenologia: uma discussão de teoria e método. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 11, n. 27, p.149-171, 2017.

TESCH, R. **Qualitative research**: analysis types and software tools. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

THIÉTART, R. A.; ALLARD-POESI, F.; PERRET, V. Fondements épistémologiques de la recherche. In: THIÉTART, R. A.; ALLARD-

POESI, F.; PERRET, V. **Méthodologie de recherche en management**. Florence: Dunod, 2003.

TOLFO, A. **A interpretação em Paul Ricoeur**: uma pedagogia do texto? 2009. 59 f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS.

ZULETA, E. **Elogio a la dificultad y otros ensayos**. Cali: Fundación Estanislao Zuleta, 1994.

Submetido em Dezembro de 2019.

Aceito em Março de 2020.